

CRAQUES DA VIDA: O FUTEBOL COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

[\[ver artigo online\]](#)

Franklin Ferreira de Melo¹
Mateus de Souza Monteiro¹
Luis Antonio Verdini de Carvalho²
Rafael Romano³
Mauricio Fidelis⁴
Romulo Caccavo⁴

RESUMO

Há um quadro de profundas crises que tem cercado o Brasil e o cenário social se apresenta com um grande desequilíbrio entre as diferentes classes sociais e as oportunidades oferecidas. Diante disso, o futebol se apresenta como um meio que pode possibilitar uma transformação social. O presente estudo teve como objetivo fazer uma breve análise sobre o atual cenário social brasileiro, pensando o futebol como uma, dentre tantas outras, ferramentas que possibilitam essa transformação social, contribuindo para equilibrar um pouco mais o déficit social. Através deste estudo, pode-se perceber que através de instrumentos como a ONG Craques da Vila o futebol tem contribuído para promover essa transformação social e de fato mudar a vida de seus participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Transformação Social.

GIFTEDS OF LIFE: FOOTBALL AS A TOOL FOR SOCIAL TRANSFORMATION

ABSTRACT

There is a picture of deep crises that has surrounded Brazil and the social scene presents itself with a great imbalance between the different social classes and the opportunities offered. Given this, football presents itself as a medium that can make possible a social transformation. The present study had as objective to make a brief analysis on the current Brazilian social scene, thinking soccer as one of, among many others, tools that allow this social transformation, helping to balance the social deficit a little more. Through this study, one can see that through instruments such as the NGO Gifteds of Life football has contributed to promote this social transformation and in fact change the lives of its participants.

KEYWORDS: Football, Social Transformation.

¹ Especialistas em Futebol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² Mestre em Educação Física pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: rafaelvalladao1@gmail.com

⁴ Pesquisadores da Companhia Carioca de Cultura Corporal da Universidade Castelo Branco (UCB).



INTRODUÇÃO

O Brasil tem vivido na última década momentos de crises, políticas, econômicas, morais, legais e sociais, e esse último item é o que nós vamos nos prender. Embora as resoluções das inúmeras demandas sociais estejam diretamente ligadas à resolução da complexa equação que envolve a economia, a política, as leis, a ética e a moralidade que hoje estão em pauta, o resumo tem como objetivo fazer uma breve análise sobre o cenário social que se encontra o Brasil hoje, e pensar o futebol como uma das muitas ferramentas técnicas de transformação social, que inseridas dentro de um aparato de políticas públicas pode contribuir para equilibrar a grande disparidade social que vivemos, e que tem no déficit social o grande problema a ser equacionado. Em seu livro *Pedagogia do Futebol*, o autor Freire (2003) enfatiza que o futebol deveria estar ao alcance de todos, além de buscar utilizá-lo com uma abordagem pedagógica e ser ensinado na escola regular contribuindo para a vida cotidiana dos indivíduos, não direcionar o esporte prioritariamente para a formação de atletas de *performance*, mas de maneira a promover o desenvolvimento biológico, psicológico e social entre outros conhecimentos (FREIRE, 2003). A pesquisa teve como objetivo fazer uma revisão bibliográfica nas principais literaturas sobre futebol e projetos socioesportivos, onde há uma relação dos estudos destacados com o objeto deste artigo.

1. CONTEXTO HISTÓRICO DO FUTEBOL

Na China durante a Dinastia do Imperador Huance-Ti (3000 a 2500 a.c.), era comum chutar crânios dos inimigos derrotados. Os romanos, no período de 900 a 200 a.c. jogavam o Harpastum em um campo retangular, dividido por uma linha e com duas linhas como metas. No Harpastum, a bola (chamada Follis) era feita de bexiga de boi e coberta com uma capa de couro. Como exercício físico-militar dos soldados romanos, uma partida podia durar horas.

A primeira referência ao esporte na Inglaterra, no ano de 1175 d.c., berço do futebol moderno, cita um certo jogo disputado durante a Shrovetide (espécie de terça-feira gorda), em que os habitantes de várias cidades inglesas saíam às ruas para

chutar uma bola de couro, com o objetivo de comemorar a expulsão dos dinamarqueses. A bola simbolizava a cabeça de um oficial do exército inimigo.

Nos séculos seguintes popularizou-se entre os ingleses o massfootball, ou “futebol de massa”, em que centenas de pessoas – às vezes até 500 de cada lado – percorriam quilômetros pelas ruas, chutando uma bola até os portões da cidade e causando muitos estragos, tanto físico quanto materiais.

Convent Garden, Strano e Fleet Street foram as primeiras escolas inglesas a adotar o futebol como atividade física, no ano de 1710. O esporte logo ganhou adeptos entre os jovens, que, aos poucos, foram deixando de lado o tiro, a esgrima, a caça e a equitação.

Em 26 de outubro de 1863 uma histórica reunião na taberna Freemason Greah Queen Street, Londres, representantes de 11 clubes e escolas instituíram as bases para as regras do futebol. Em 24 de novembro, as nove regras estabelecidas por Cambridge foram aprovadas em uma outra reunião. Já no ano seguinte (1864) a oficialização de suas regras na Inglaterra, o futebol teria sido exibido no Brasil e na Argentina por marinheiros de barcos mercantes e de guerra estrangeiros, principalmente ingleses. Eles teriam disputado essas primeiras “peladas” nos capinzais desertos do litoral norte e sul do Brasil.

Chineses, japoneses, gregos, franceses e italianos também reivindicam a paternidade do futebol, só que em formas mais primitivas. Já em 2197 a.C. os chineses praticavam um exercício militar chamado tsu-chu (tsu = “lançar com o pé”; chu = “bola recheada, feita de couro”). No Japão, desde a época dos Imperadores Engi e Tenrei, praticava-se o Kemari (ke = chutar; mari = bola). Em 850 a.C., os gregos praticavam o Epyskiros. Na Roma antiga, por volta de 200 a.C., jogava-se o Haspartum, e durante a Idade Média, na França, desenvolveu-se o Soule. Já os italianos até hoje chamam o futebol de Cálcio por causa do Calcio Fiorentino, jogado em Florença a partir de 1529, com 27 jogadores de cada lado enfrentando-se violentamente durante horas pelas ruas tentando levar a bola além dos portões da cidade (SOUZA, 2009).

Existem diversas versões sobre a origem do futebol que, também, pode ser encontrado com formas de jogos diversas, em várias civilizações antigas (TUBINO et al., 2009). Chineses, japoneses, franceses, gregos e italianos reivindicam a paternidade do jogo, que tem registros em diferentes períodos históricos desde a pré-

história, como supracitado, porém foi na Inglaterra, a partir de todas essas influências, que formatou-se o futebol moderno.

Berço da revolução industrial, a Inglaterra exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos sociais e culturais, cuja origem inglesa por si só conferia ares de modernidade, como o jogo de futebol. Foi nesse contexto cultural que nasceram muitos dos clubes que estariam dentre os grandes da história do futebol, como por exemplo: Fluminense Football Club (FFC) em 1902, Botafogo Football Club (BFC) em 1904 e o América Football Club (AFC) em 1904. A ausência do Clube de Regatas Vasco da Gama (CRVG), fundado em 1898 e do Clube de Regatas Flamengo (CRF) fundado em 1895, entre os 16 primeiros clubes de futebol do Brasil a implantarem o futebol se dá, pelo fato dessas agremiações terem o remo como primeira modalidade implantada (Figura 1), pois naquele período, ainda era o esporte mais praticado pela elite carioca, sob forte influência da aristocracia inglesa, que já valorizava os benefícios trazidos pelo exercício físico (TUBINO et al., 2009). O futebol chegaria ao CRVG em 1915 e ao CRF em 1912 não perdendo mais o posto, de primeiro lugar na preferência dos torcedores até os dias de hoje, de acordo com Tubino et al. (2009).

Antes de retornar da Inglaterra para o Brasil em 1894, o jovem paulistano Charles Willian Miller, filho de um engenheiro escocês aqui radicado, casado com uma brasileira, filha de ingleses, trouxera em sua bagagem uma série de materiais: um livro de regras do *Football Association*, uma camisa da equipe do Banister Court School e outra do St. Mary's, duas bolas, um par de chuteiras e uma bomba para encher as bolas (TUBINO et al., 2009), somado a isso veio também um forte desejo de desenvolver o esporte entre seus pares. Antes disso, entre 1880 e 1890, jesuítas haviam introduzido jogos com o *Ballon Anglais*. No colégio São Luís, de Itu, jovens da elite social paulistana disputavam um jogo aparentado ao *football association*, denominado "bate bolão", que a partir de 1894 já incorporava alguns elementos do futebol moderno: onze jogadores para cada lado, traves de madeira e times uniformizados.

A proliferação de clubes e times de futebol pelo país, sobretudo nas populosas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, obedeceu basicamente a duas grandes tendências.

A primeira tendência, orientada pelos valores do cavalheirismo, do *fair play* e do amadorismo, envolveu a elite da sociedade brasileira que buscava uma aproximação aos valores da modernidade européia. Dois exemplos disso são o FFC, fundado em 1902, e o AFC do Rio de Janeiro, fundado em 1904. Estes times foram fundados através de iniciativas ligadas a associações atléticas que por sua vez estavam ligadas a estabelecimentos de ensino. Outros times surgiram a partir de clubes independentes como a Ponte Preta, fundado em 1900, e o Botafogo Football Club, fundado em 1904. Alguns clubes, dedicados a outras modalidades esportivas, introduziram o futebol posteriormente como o Náutico que teve a modalidade incluída em 1909 e o CRF em 1911. Colégios e clubes constituíam-se em espaços restritos de formação, lazer e sociabilidade. Nestes espaços pretendia-se representar a pretensa superioridade da elite da sociedade brasileira, que procurava se fortalecer, num movimento endógeno, por meio da difusão de vínculos de solidariedade e do afastamento dos demais setores sociais.

A segunda tendência demonstrou que as fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares que jogavam com bolas desgastadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização. O futebol oportunizou a estes grupos uma inclusão negada, até então, em outras esferas sociais. Dentro ainda da segunda tendência haviam clubes vinculados a empresas como, por exemplo, o Bangu Athletic Club fundado em 1904, e ligado à Fábrica de Tecidos Bangu, onde os diretores não se opunham à participação de negros na equipe, sendo esta agremiação a primeira a escalar afro-descendentes em sua equipe (TUBINO et al., 2009). As empresas recrutavam funcionários que se dedicavam cada vez mais ao clube afrontando o limite do amadorismo imposto pela elite da sociedade nacional.

O início da organização do futebol nacional assiste então a uma dupla concepção: a elitista e a popular. A concepção elitista abrigou os ideais higienistas pelos quais podia-se perceber um contexto de assepsia social, bastante propalado por intelectuais do período sendo Rui Barbosa um deles (TUBINO et al., 2009). Por sua vez a concepção popular tinha nos gestos acrobáticos da temida capoeira e nas ações coletivas do ruidoso movimento operário, saberes, expressões e habilidades que viriam a ser determinantes na maneira de se jogar futebol no Brasil. O regulamento imposto aos sócios dos grandes clubes, resguardava as arquibancadas

dos estádios à elite, enquanto o resto da população era obrigada a acompanhar os jogos nos cumes dos morros que circundavam os campos de futebol (TUBINO et al., 2009).

Foi a partir do início do ano 1930, com as coberturas jornalísticas de Mário Filho e as locuções do radialista Ary Barroso, que o grande público passou a se vincular mais fortemente a determinados clubes, dentro e fora dos estádios. Esse processo contribuiu para transformar o futebol nacional em um grande espetáculo das multidões, estimulando a presença das famílias nos estádios a fim de torcerem por seus times. A maior participação da sociedade nos estádios acarretou na elaboração de símbolos como bandeiras, músicas, distintivos, flâmulas, mascotes, grupos uniformizados e hinos (a definição desse termo, assim como de outros que são fundamentais para o entendimento do estudo, encontra-se no Anexo IX), que eram utilizados para incentivar e acompanhar os times de sua preferência. Paralelamente, o futebol era reconhecido pelos novos governantes como eficiente meio de mobilização das massas e a seleção de futebol nacional como ingrediente fundamental da representação da nacionalidade (TUBINO et al., 2009).

2. FUTEBOL E CULTURA LOCAL

Se não houvesse o futebol, nós teríamos outra coisa. Se não houvesse outra coisa, nós teríamos uma guerra civil a cada dia. (Sócrates – ex-jogador)

O professor Paulo Freire (1981) foi um dos grandes filósofos da Educação, no Brasil e no mundo, que melhor soube pensar as questões educacionais adequando-as à cultura local que os educandos possam estar inseridos, dando a ênfase necessária a problematização da realidade concreta destes. As regiões de nossa cidade, ruas, praças, avenidas, bairros possuem uma identidade cultural específica, apesar de semelhantes cada uma tem as suas particularidades. A exemplo disto podemos citar o bairro de Madureira que tem sua raiz cultural, sua identidade com o samba, o jongo da Serrinha. E por mais que haja renomadas academias de ballet em Madureira (o que não as desqualifica em nada) o bairro é reconhecido por sua tradição com o samba e o jongo, por construções históricas, que foram ressignificadas até a atualidade por obra de diversos sambistas e jongueiros. E em consequência disto

seria complicado, por exemplo, mudar a vocação cultural-artística do bairro de Madureira.

Paulo Freire (1981) em suas obras incitava o professor a se tornar um pesquisador da cultura local, da realidade concreta de seus alunos. Ele defendia a tese de que o ensino-aprendizado se tornava mais prazeroso e eficiente quando o aluno identificava nas aulas objetos de sua realidade, de seu cotidiano. A grande preocupação de Paulo Freire (1981) é a mesma de toda a pedagogia moderna: uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política. Nas linhas de sua filosofia existencial sua única exigência específica, e esta exigência define claramente os termos do problema, é que teria o homem brasileiro de ganhar essa responsabilidade social e política, existindo essa responsabilidade. O saber democrático jamais se incorpora autoritariamente, pois só tem sentido como conquista comum do trabalho do educador e do educando. Não é possível dar aula de democracia e, ao mesmo tempo, considerarmos como absurda e imoral a participação do povo no poder. A democracia é, como o saber, uma conquista de todos. Toda a separação entre os que sabem e os que não sabem e os que não sabem, do mesmo modo que a separação entre as elites e o povo, é apenas fruto de circunstâncias históricas que podem e devem ser transformadas. Entendemos que o objetivo maior da educação é conscientizar o educando.

Neste contexto o futebol se torna uma excelente ferramenta educacional, pois está presente, com muita força, na vida de todo brasileiro. O futebol é mais do que um esporte: é uma linguagem lúdica universal, que traduz as contradições humanas, possibilitando a construção de valores em uma perspectiva de promoção social.

Requintado esporte de elite, em seu momento inicial, o “violento esporte bretão” como passou a ser chamado, assumiu irrecusável posição de classe e produziu já na sua origem sua primeira forma de violência (social e racial), bem como suas primeiras vítimas, quando chegou ao extremo de ser proibido a negros e pobres, já fortemente discriminados e estigmatizados numa formação social dominada pelo colonialismo e pelo escravismo, enquanto constantes estruturais.

Agressões verbais e físicas, conflitos generalizados, exigências de escolarização e emprego fixo, combate ideológico através de campanhas pela imprensa, a extinção do futebol, foram estratégias e táticas empregadas pelas elites dominantes, a fim de evitar o inevitável: a popularização do futebol entre nós. E que

fique bem claras estratégias e táticas violentas. Que digam os índios, negros, pobres e seus descendentes de ontem e hoje, violência tanto racial como social (e de gênero).

Através da popularização do futebol, onde as classes menos favorecidas começaram a praticar o futebol, nascia ali um estilo próprio e diferente de se jogar, começando o Brasil a se destacar dos outros Países. Um futebol que lembra passo de dança e fintas de capoeira, como preconizou Gilberto Freyre, um pioneiro, dentre nossos cientistas sociais, da valorização do futebol enquanto temática sociológica.

O futebol colou e não foi fogo de palha. Talvez por ser um dos poucos espaços sociais que nasceu para as elites e do qual as camadas populares se apropriaram rapidamente, reivindicando o direito de igualdade diante do jogo de futebol, valor esse que não existia em outras esferas sociais.

O futebol, segundo Ramadan (1997) introduzido no Brasil em 1894, aqui se enraizou e já não se pode mais negar a sua influência na formação da mentalidade e no comportamento do homem brasileiro. Elitista, no início, massificado e profissionalizado num outro momento e, agora, empresariado, é visto pelos estudiosos ou como uma arte ritualizada que propicia à massa a experiência da igualdade e da justiça social.

Enquanto isso, nas ruas, nos quintais em todas as áreas livres dos subúrbios, das grandes cidades, em várzeas próximas as estradas que levavam às pequenas cidades, os menos favorecidos, socialmente, jovens de famílias de classe média e baixa, brancos, negros, também praticam o futebol, movidos mesmos sentimentos dos precursores: profunda paixão e amor definitivo.

3. O FUTEBOL E A COMUNIDADE

A utilização do futebol como ferramenta de transformação social tem por finalidade potencializar seu aspecto socializante, utilizando-o como ferramenta de resgate. A sua grande missão seria a de tirar os beneficiários de projetos da invisibilidade social. Dessa forma estes seriam trazidos a uma visibilidade, onde eles poderiam, através de ações transdisciplinares, se perceberem como parte da sociedade, como integrante de um contexto muito maior, usando o lúdico que esta no cerne do futebol.

A organização espacial do estado do Rio de Janeiro tem propiciado aos cariocas alguns fenômenos sociais para os quais somente agora conseguimos vislumbrar algumas soluções. Hoje sabemos que a implantação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), por exemplo, nas favelas do Rio de Janeiro, não acabou com o tráfico de drogas e impossibilitou que o Estado adotasse diversas políticas públicas para estas áreas. Com isso não houve um abrandamento da tensão entre as “favelas e o asfalto”, nem mesmo a implementação de políticas eficientes que visassem atender carências e promover o fim da segregação a que essas comunidades têm sido submetidas.

Como o esporte poderia estar auxiliando na criação de uma cultura de paz? O que propicia ao Estado adentrar nesta comunidade, sem que a mesma veja esta ação com certa desconfiança?

Mesmo que haja especificidades relacionadas aos setores para os quais as Conferências foram convocadas, a dimensão da segurança pública com cidadania esteve muito presente tendo destaque as propostas relacionadas à necessidade da intersectorialidade de políticas públicas para a garantia do direito à segurança. Também é possível notar que as deliberações tratam das questões da segurança de forma integral, abrangendo desde a prevenção social à repressão qualificada e punição eficaz. (1º Conferência Nacional de Segurança Pública, em 2008).

Esse trecho dessa Conferência deixa clara a importância da intersectorialidade das políticas públicas que visam atender a questão da segurança. O capítulo II, art. 6 da constituição de 1988, sobre direitos sociais preceitua que: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição.”

A seção III, do capítulo III, no art. 217 da constituição lemos que “é dever do estado fomentar as práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um”. É ratificado que o esporte, assim como a segurança é um direito do cidadão.

A Organização das Nações Unidas (ONU) quando elaborou o seu planejamento de ações em 2002 (MDGs) considerou o esporte como algo estritamente relevante, e que deveria aparecer com maior constância em suas ações. Com isso a ONU elaborou um grupo tarefa para o esporte, onde foram levantados os seguintes aspectos do esporte:

- 1) O esporte deverá estar sempre melhor integrado numa agenda de desenvolvimento;
- 2) O Esporte deve ser incorporado como uma ferramenta utilizada em programas para o desenvolvimento da paz;
- 3) As iniciativas baseadas no esporte deverão ser incluídas nos programas das nações unidas nas agências dos países, onde poderão ser apropriadas e acordadas às necessidades locais;
- 4) Os programas de promoção esportiva para o desenvolvimento da paz necessitam uma grande atenção e recursos dos governos e do sistema das nações Unidas;
- 5) As atividades baseadas em comunicações usando o esporte devem focalizar objetivos bem definidos e terão mobilizações sociais, particularmente em níveis nacionais e locais;
- 6) A recomendação final deste grupo – tarefa será aquela em que o caminho de mais efetividade, para implementar programas sobre o uso do esporte para o desenvolvimento e a paz, será aquela através da cooperação.

O potencial do esporte em quanto instrumento potencializador de uma cultura de paz é algo fortemente reconhecido por uma das maiores entidades do planeta (ONU), e vem se enquadrar dentro de uma política de esporte e lazer que deveria ser implementada pelo governo do Rio de Janeiro, dentro das comunidades.

O Brasil hoje é uma nação de extrema desigualdade social, mesmo sendo uma das principais economias do mundo, o país ainda não encontrou uma forma de resolver os seus problemas sociais que são inúmeros. No Brasil, desde seu descobrimento, existe a desigualdade social, herança das diferenças sociais, (escravidão, preconceito e racismo) e foi mantida pelas gerações futuras. Em seu estudo, Silva (2009) nos relata que à incorreta distribuição de renda entre a população ocorre devido à desigualdade econômica em nosso país, fazendo com que houvesse o surgimento de diferentes classes (SILVA, 2009).

Segundo Silva et al. (2009) em seu livro questão social, hoje a disparidade social promove fenômenos sociais que precisam ser quebrados através de intervenções técnicas, que demandam a construção de tecnologias sociais, e o futebol

por ser um fenômeno que ganhou status de identidade nacional, consegue gerenciar na sua órbita interesses, que lhe permite mediar questões sócias relevantes (SILVA et al., 2009).

O futebol atende, atualmente, à população da comunidade Vila Aliança desenvolvendo competências que neste esporte ganham maior ênfase por ser um dos grandes ícones da nossa cultura. Todo um conjunto de ações que visam atender num primeiro plano o art. 5 da Constituição Federal brasileira que expressamente dispõe que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.”

Neste sentido, é que em Bangu, em uma das comunidades mais carentes, onde a vulnerabilidade social grassa de tal forma, que muitas das crianças e adolescentes que vivem naquela localidade, sucumbem as dificuldades de prosseguir nos estudos, apresentam dificuldades de se relacionar de forma saudável com seus pares e uma dada medida são tragados pelo tráfico de drogas, que lhes apresentam uma condição de ascensão social.

Em 1999, uma iniciativa sócio esportiva desenvolvida pelo casal de franceses Delphine Douyère e Cristian Doupes traz para o Brasil a ONG Terr’Ativa e implanta na comunidade da Vila Aliança o projeto Craques da Vida. O Projeto tinha como objetivo oferecer às crianças da localidade, atividades esportivas e socioculturais. Para isso, o programa contava com atividades de apoio escolar, grafite, dança de rua e futebol os relata, Melo (2017).

Em 2007, os franceses responsáveis pela ONG foram assassinados em Copacabana e a perda dos patrocinadores do projeto acabou por limitar o seu potencial de atuação. Com isso, as atividades oferecidas pelo projeto se reduziram apenas ao futebol, sobre a gestão do professor Franklin Ferreira, que já atuava no Projeto Craques da Vida e criou, a partir desse fato, uma nova ONG para que a iniciativa não se perdesse, e estamos trabalhando até os dias de hoje.

Conseguimos alguns impactos importantes, como é o caso do Douglas Lima morador aqui da Vila Aliança que hoje esta nos Estados Unidos, jogando futebol Indoor e trabalhando lá, temos o Alexandre Melo que esta no profissional do Clube de Regatas Vasco da Gama, e isso vai além dos gramados, pois hoje temos o Leonardo

que é dono de uma banca de jornal, o Rodrigo que é Sargento da Marinha, o Sidney que hoje fornece os lanches dos meninos do projeto da sua padaria, dentre outros.

Tendo em vista o Direito Social garantido pela Constituição Federal Brasileira Art. 215º e 217º, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente Art.4, o projeto de atividades esportivas na comunidade Vila Aliança, tem proporcionado melhorias das relações entre os moradores da comunidade. Além de mobilizar e atrair crianças e jovens para um convívio sadio, estimulando sua criatividade e desenvolvendo uma consciência cidadã. Assim o projeto proporciona vagas para crianças e jovens com deficiência e, apesar de não ter idosos como beneficiário, proporcionaram também condições de acessibilidade para todos, com base no art. 16 do decreto 6.180/07. O Projeto de futebol realizado na comunidade Vila Aliança vem para facilitar a implantação de políticas sociais, tendo no esporte como um mediador entre a comunidade e a sociedade.

CONCLUSÃO

O futebol é um fenômeno sociocultural cuja prática é considerada direito de todos e que tem no jogo o vínculo cultural e na competição seu elemento essencial, ao qual deve contribuir para a formação e aproximação dos seres humanos ao reforçar o desenvolvimento de valores como: a moral, a ética, a solidariedade, a fraternidade, e a cooperação, o que pode torná-lo um dos meios mais eficazes para a convivência humana.

O futebol estará agindo no cerne da questão, intervindo na percepção dos beneficiários em relação à realidade em que estão imersos. A participação de crianças e jovens em projetos estabelece o futebol como um esporte dinâmico e com os jogos cooperativos de raciocínio, recreativo e lúdico-pedagógico para que possam desfrutar de momentos de prazer e estimular convivência e o relacionamento interpessoal. Tais atividades podem nortear ações recíprocas de respeito, diálogo e convergência de interesses. Somente a educação confere a pessoa condições de fazer escolhas e assim hierarquizar os seus valores. A fim de que possamos atuar a frente à educação em valores e com a certeza de que estamos desenvolvendo competências. O futebol pode, portanto, gerar a verificação do desenvolvimento do aluno, tendo também a tarefa de emitir um juízo de valor sobre uma dimensão bem definida, segundo escala

apropriada. É um dos elementos para reflexão e transformação da prática escolar e deve ter como princípio o aprimoramento da qualidade do ensino, tendo como aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos, e os resultados ao longo do período, sobre os de eventuais provas finais.

É neste sentido que vários projetos têm sido implantados em comunidades carentes, onde se tem notado um aparente êxito da Educação Física como fator de reintegração sociocultural da criança, tendo o futebol como estratégia.

Concluimos, portanto, que o futebol é uma poderosa ferramenta de transformação social e mediação de demandas sociais, a ONG Craques da Vida, ao longo da sua atuação dentro da Comunidade Vila Aliança, promoveu inúmeras transformações sociais, mas ainda precisa organizar uma instituição consolidada, que possa atuar cada vez mais de forma autônoma. A utilização do futebol como ferramenta de transformação social ainda demanda pesquisas que possa nortear apontando caminhos diversos para esse tipo de proposta.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, J.B. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- MELO, F. F. **Apresentação de projeto/Craques da Vida Vila Aliança**.2017.
- RAMADAN, M. I. B. **Crônica de futebol: um subgênero**. Revista Pesquisa de Campo – Futebol e Cidadania, Rio de Janeiro, 1997.
- SILVA G, F. **Desigualdade Social no Brasil. 2009**. ETIC Encontro de Iniciação Científica. Faculdades integradas Antônio Eufrásio de Toledo – SP, 2009.
- SILVA, F. B. et al. **Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporânea. 2009**. Disponível em: <http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Livro_Questao_Social.pdf>Acesso em:26 set 2018.
- SOUZA, Bruno de Castro. **HINOS OFICIAIS E HINOS POPULARES COMO REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS DOS PRINCIPAIS CLUBES DE FUTEBOL DO RIO DE JANEIRO: A CONTRIBUIÇÃO DE LAMARTINE BABO**. 211 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro, 2009.
- TUBINO, M. J. G.; CASTRO, B.; VALLADÃO, R. **UMA ANÁLISE ACERCA DO CONTEÚDO DOS HINOS OFICIAIS E POPULARES DOS PRINCIPAIS CLUBES**

CARIOCAS DE FUTEBOL DA PRIMEIRA REPÚBLICA AO ESTADO NOVO. *Fitenss & Performance Journal*. jan-fev; 8(1): 56-67, 2009.